

12 março de 2021

## Doentes não-covid sofrem mais com a pandemia

### Sociedade Portuguesa de Gastreenterologia pediu ajuda ao Secretário de Estado da Saúde

Aos 52 anos, Rita não consegue ficar mais do que três minutos sentada na cama. Sofre de doença de Crohn e quando deu entrada no Hospital da Luz, em Lisboa, há duas semanas, estava desidratada e desnutrida. Há vários anos que tenta ser tratada de forma regular no Serviço Nacional de Saúde, mas os constrangimentos da pandemia agravaram a sua situação, assim como a de muitos doentes não-covid. Decidiu então contar a sua história para dar rosto a uma pandemia paralela, que no caso das doenças inflamatórias do intestino (DII) atinge mais de 15 mil pessoas em Portugal.

“Quando deu entrada no hospital, a Rita vinha num profundo mutismo, deprimida e, sobretudo, numa situação que a colocava em risco de vida, porque poderia desenvolver uma infeção generalizada, pois demorou a ser tratada de forma adequada, e, nestes casos, quanto mais cedo se inicia a terapêutica indicada melhor é o prognóstico”, afirma Marília Cravo, gastreenterologista no Hospital da Luz. A médica alerta para o risco acrescido de desenvolvimento de cancros entre estes doentes, sublinhando ainda que a situação se agravou durante a pandemia de covid-19. “Antes eram raros os casos de neoplasias que me chegavam, mas em 2020 atendi três doentes, uma das quais, com menos de 50 anos, acabou por morrer com metástases.”

---

## Doentes de hospitais privados não têm direito a participação em medicamentos inovadores

---

A maior insatisfação de Marília Cravo é a distinção de tratamento que existe entre os doentes como Rita, que tem doença de Crohn, e os que sofrem de colite ulcerosa, e que desde 2017, quando tratados em hospitais privados, não têm direito à participação do Estado na aquisição de medicamentos inovadores, capazes de lhes melhorar a qualidade de vida. O mais

grave é que “os doentes com outras patologias, como artrite reumatoide ou doenças dermatológicas autoimunes, não passam pelas mesmas dificuldades, tendo acesso à medicação seja no sector público, seja no privado. E ainda por cima muitos são doentes jovens, entre os 20 e os 40 anos, em idade ativa, e que se vêm limitados pelas dificuldades em fazer exames de diagnóstico e receber o tratamento adequado em tempo útil, devido às dificuldades do Serviço Nacional de Saúde, obrigando-os a terapias mais agressivas e a cirurgias que não seriam necessárias e que ficam mais caras ao Estado”, completa a também vice-presidente da Sociedade Portuguesa de Gastrenterologia.

## **AGRAVAMENTO PANDÉMICO**

“Desde março que recebemos relatos quase diários de consultas e exames necessários ao diagnóstico e acompanhamento de doença inflamatória do intestino que foram cancelados sem que haja indicação de nova marcação. A reorganização dos serviços hospitalares para dar resposta aos doentes covid-19 originou, obviamente, mais constrangimentos no seguimento de doentes não-covid, incluindo doentes crónicos, e consideramos que esta decisão do Ministério da Saúde (de não permitir a comparticipação da medicação nos privados) é discriminatória e imoral”, afirma Vera Gomes, da associação de doentes CrohnColitePT. Essa insatisfação com a diferença de tratamento fez com que, há uma semana, a Sociedade Portuguesa de Gastrenterologia enviasse ao secretário de Estado Adjunto da Saúde e à Provedoria de Justiça uma carta explicando a situação e pedindo uma solução para o problema.

Sobretudo porque, apesar de os sinais de alerta destas doenças gástricas autoimunes estarem identificados — diarreia, perda de peso e de apetite, sangue nas fezes, cansaço extremo, abscessos e fístulas no períneo (ânus, nádegas, vagina) —, em geral os diagnósticos tardam cerca de dois anos para serem alcançados. Um problema agravado na região sul, onde não existem centros de referência entre Lisboa e o Algarve, e que, por esta razão, tem listas de espera muito elevadas.

---

## **Os sinais de alerta das doenças gástricas autoimunes estão identificados, mas os diagnósticos tardam cerca de dois anos**

---

Foram estas dificuldades que culminaram na situação de Rita, que apenas com a alimentação específica que tem de consumir gasta cerca de mil euros mensais. No caso da animadora

cultural, os problemas começaram há quase duas décadas, mas o diagnóstico só surgiu quando fez 39 anos, passados quase sete do início do sofrimento. Na altura tentou tudo, passou por dois hospitais públicos, tendo mesmo sido operada três vezes num único ano. Acabou por ter de se reformar devido à doença de Crohn.

No último ano tudo piorou. Rita espera desde 2018 pela marcação de um exame de diagnóstico, e foi mesmo um médico do Serviço Nacional de Saúde que lhe recomendou tentar o privado, dado o agravamento da doença. “Sou uma acérrima defensora do Serviço Nacional de Saúde, mas sou uma lutadora, e quando cheguei a este hospital estava em perigo de vida e só consegui mudar porque tive o apoio financeiro da família, mas quantos não têm?”, questiona.

Enquanto não melhora, Rita continua internada e totalmente dependente. O marido, Carlos, 49 anos, acompanha-a no hospital, tendo de realizar testes covid a cada cinco dias e sem poder sair das instalações. “O corpo é que vai decidir quando a Rita poderá sair, mas até lá tem de tomar morfina para fazer a higiene, e com o tratamento adequado e atempado não teria sido necessário ter vivido com uma dor tão grande”, conclui a médica Marília Cravo.

SAÚDE

Expresso

## Doentes não-covid sofrem mais com a pandemia

Sociedade Portuguesa de Gastroenterologia **pediu ajuda** ao secretário de Estado da Saúde

CHRISTIANA MARTINS

Aos 52 anos, Rita não consegue ficar mais do que três minutos sentada na cama. Sofre de doença de Crohn e quando deu entrada no Hospital da Luz, em Lisboa, há duas semanas, estava desidratada e desnutrida. Há vários anos que tenta ser tratada de forma regular no Serviço Nacional de Saúde, mas os constrangimentos da pandemia agravaram a sua situação, assim como a de muitos doentes não-covid. Decidiu então contar a sua história para dar rosto a uma pandemia paralela, que no caso das doenças inflamatórias do intestino (DII) atinge mais de 15 mil pessoas em Portugal.

“Quando deu entrada no hospital, a Rita vinha num profundo mutismo, deprimida e, sobretudo, numa situação que a colocava em risco de vida, porque poderia desenvolver uma infeção generalizada, pois demorou a ser tratada de forma adequada, e, nestes casos, quanto mais cedo se inicia a terapêutica indicada melhor é o prognóstico”, afirma Mar-

ília Cravo, gastroenterologista no Hospital da Luz. A médica alerta para o risco acrescido de desenvolvimento de cânceres entre estes doentes, surtindo ainda que a situação se agravou durante a pandemia de covid-19. “Antes eram raros os casos de neoplasias que me chegaram, mas em 2020 atendi três doentes, uma das quais, com menos de 50 anos, acabou por morrer com metástases.”

**Doentes de hospitais privados não têm direito a comparticipação em medicamentos inovadores**

A maior insatisfação de Marília Cravo é a distinção de tratamento que existe entre os doentes como Rita, que tem doença de Crohn, e os que sofrem de colite ulcerosa, e que desde 2017, quando tratados em hospitais privados, não têm direito à comparticipação do Estado na aquisição de medicamentos inovadores,

capazes de lhes melhorar a qualidade de vida. O mais grave é que “os doentes com outras patologias, como artrite reumatoide ou doenças dermatológicas autoimunes, não passam pelas mesmas dificuldades, tendo acesso à medicação seja no sector público, seja no privado. E ainda por cima muitos são doentes jovens, entre os 20 e os 40 anos, em idade ativa, e que se vêm limitados pelas dificuldades em fazer exames de diagnóstico e receber o tratamento adequado em tempo útil, devido às dificuldades do Serviço Nacional de Saúde, obrigando-os a terapias mais agressivas e a cirurgias que não seriam necessárias e que ficam mais caras ao Estado”, completa a também vice-presidente da Sociedade Portuguesa de Gastroenterologia.

**Agravamento pandémico**  
“Desde março que recebemos relatos quase diários de consultas e exames necessários ao diagnóstico e acompanhamento de doença inflamatória do intestino que foram

cancelados sem que haja indicação de nova marcação. A reorganização dos serviços hospitalares para dar resposta aos doentes covid-19 originou, obviamente, mais constrangimentos no seguimento de doentes não-covid, incluindo doentes crónicos, e comparamos que esta decisão do Ministério da Saúde (de não permitir a comparticipação da medicação nos privados) é discriminatória e imoral”, afirma Vera Gomes, da associação de doentes CrohnColitePT. Essa insatisfação com a diferença de tratamento fez com que, há uma semana, a Sociedade Portuguesa de Gastroenterologia enviasse ao secretário de Estado Adjunto da Saúde e à Procuradoria de Justiça uma carta explicando a situação e pedindo uma solução para o problema.

Sobretudo porque, apesar de os sinais de alerta destas doenças gástricas autoimunes estarem identificados — diarreia, perda de peso e de apetite, sangue nas fezes, cansaço extremo, abscessos e fistulas no perinéu (ânus, nádegas, vagina) —, em geral

os diagnósticos tardam cerca de dois anos para serem alcançados. Um problema agravado na região sul, onde não existem centros de referência entre Lisboa e o Algarve, e que, por esta razão, tem listas de espera muito elevadas. Foram estas dificuldades que culminaram na situação de Rita, que apenas com a alimentação específica que tem de consumir gasta cerca de

**Os sinais de alerta das doenças gástricas autoimunes estão identificados, mas os diagnósticos tardam cerca de dois anos**

mil euros mensais. No caso da animadora cultural, os problemas começaram há quase duas décadas, mas o diagnóstico só surgiu quando fez 39 anos, passados quase sete do início do sofrimento. Na altura tentou tudo, passou por dois hospitais públicos, tendo mesmo sido operada três vezes num único ano. Acabou

por ter de se reformar devido à doença de Crohn.

No último ano tudo piorou. Rita espera desde 2018 pela marcação de um exame de diagnóstico, e foi mesmo um médico do Serviço Nacional de Saúde que lhe recomendou tentar o privado, dado o agravamento da doença. “Sou uma acérrima defensora do Serviço Nacional de Saúde, mas sou uma lutadora, e quando cheguei a este hospital estava em perigo de vida e só consegui mudar porque tive o apoio financeiro da família, mas quantos não têm?”, questiona.

Enquanto não melhora, Rita continua internada e totalmente dependente. O marido, Carlos, 49 anos, acompanha-a no hospital, tendo de realizar testes covid a cada cinco dias e sem poder sair das instalações. “O corpo é que vai decidir quando a Rita poderá sair, mas até lá tem de tomar morfina para fazer a higiene, e com o tratamento adequado e atempado não teria sido necessário ter vivido com uma dor tão grande”, conclui a médica Marília Cravo.

camartins@expresso.impressa.pt



Rita está internada num hospital privado, mas espera há três anos por exames no SNS  
FOTO TIAGO MIRANDA